

**Carlina Rocha A. Barros**  
carlinarocha@hotmail.com  
**Caroline Gonçalves Dos Santos**  
santoscarolineg@yahoo.com.br  
**Roberta Félix Maia**  
robertamaiaa@outlook.com  
**Siberia Freitas**  
siberiafreitas@hotmail.com  
Centro Universitário CESMAC  
Maceió, Alagoas, Brasil.

## DOMÍNIO E EXPANSÃO TERRITORIAL: PLANOS URBANOS E SEUS IMPACTOS NO RIACHO MACEIÓ ATÉ 1950.

### RESUMO

A ocupação e expansão territorial só foi possível à medida que o ser humano dominou a técnica e com isso a possibilidade de transformar a natureza segundo suas necessidades. O desenvolvimento das cidades é um resultado desse domínio da técnica sobre o meio natural, especialmente a partir das ações projetuais realizadas em períodos históricos distintos e que intervêm muitas vezes drasticamente nos elementos naturais incorporados ao ambiente urbano. Dessa forma esse artigo busca investigar os planos urbanos desenvolvidos para a cidade de Maceió durante o séc. XIX até 1950 envolvendo o riacho Maceió, curso d'água que inicialmente

estabeleceu limites para a ocupação urbana, e como esses planos e/ou intervenções podem ter impactado o riacho, especialmente na sua apropriação e simbologia, refletindo as relações entre o meio natural e o construído.

**PALAVRAS CHAVES: TERRITÓRIO – TÉCNICA - PLANOS URBANOS - RIO URBANO - MACEIÓ.**

## ABSTRACT

*The occupation and territorial expansion was only possible as a human being and with this technique dominated the possibility of transforming the nature according to your needs. The development of cities is a result of that mastery of technique about the natural environment, especially from the project actions carried out in different historical periods and involved many times dramatically in natural elements incorporated into the urban environment. In this way, this article seeks to investigate the urban plans developed for the city of Maceió during the 19th century until 1950 involving the Creek Maceió, course of water that initially established limits for*

*urban occupation, and how these plans/intervention might have impacted the Creek, especially in its appropriation and symbology, reflecting the relationships between the natural environment and the built.*

**KEYWORDS: TERRITORY – TECHNIQUE - URBAN PLANS – URBAN RIVER – MACEIÓ.**

## TERRITÓRIO: SOCIEDADE E NATUREZA

As questões relativas ao território e seu significado fazem parte da evolução da sociedade e da própria humanidade. Percebido e compreendido de maneira diferente segundo a realidade sociocultural, econômica ou política que se apresenta, em tempos de globalização o conceito ganha outros contornos diante da complexidade de redes e relações que se estabelecem entre lugares e culturas diversas, criando homogeneidades, mas também fortalecendo peculiaridades.

O território não se coloca apenas como uma dimensão material, embora possa ser assim representado, mas como o espaço onde se expressam as relações sociais. Dessa forma surge o que Albagli (2004) chama de territorialidade, que se refere às relações do indivíduo com o seu meio de referência, em diversas escalas, expressando

um sentido de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico e que rebate diretamente nas ações da sociedade sobre a natureza.

A artificialização do meio, com o desenvolvimento e expansão urbana, promoveu um controle cada vez maior sobre o território natural, transformando-o e em muitos casos criando um distanciamento entre sociedade e natureza. Esse domínio foi possibilitado pelo avanço técnico-tecnológico, onde a natureza (sistema de objetos) foi sendo alterada por intencionalidades (sistemas de ações) socioculturais, políticas e econômicas.

*“Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se*

*transforma.” (SANTOS, 2006:39)*

A relação entre o sistema de objetos (meio natural) e o sistema de ações (sociedade e técnica) é resultado de cada momento histórico e das demandas que se apresentam, configurando-se como um processo extremamente dinâmico. Assim o território possui, em todos os seus recortes temporais, expressões de relações anteriores acumuladas e que continuam influenciando-o, proferindo-lhe forma e identidade, como acontece com o espaço urbano.

Nos núcleos urbanos a natureza sempre foi um componente de extrema relevância, possibilitando, condicionando e direcionando o desenvolvimento de inúmeras cidades. Com o domínio da técnica, o território em que o natural prevalece vai perdendo esse caráter, artificializando-se segundo as necessidades da sociedade de cada período.

Os cursos d’água, elementos naturais abundantes

no território brasileiro, têm presença marcante em muitos perímetros urbanos das mais diversas escalas geográficas. Incorporados ao meio urbano sempre foram importantes elementos referenciais, não apenas pelo valor paisagístico, mas considerando questões de mobilidade, lazer e abastecimento, entre outros. Apesar disso, com o intenso processo de urbanização, os cursos d'água urbanos começam a sofrer as consequências da ação humana sobre sua natureza.

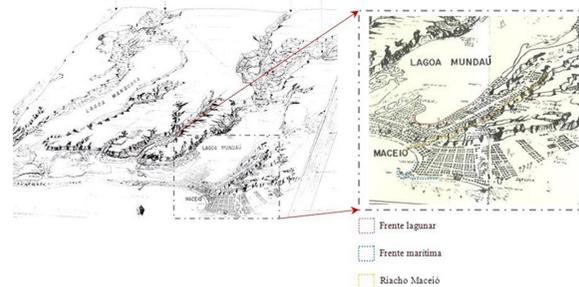
*“O tratamento dado aos rios pelas obras tradicionais de engenharia hidráulica, através de retificações e canalizações, além de mudar sua fisionomia e retirar sua visibilidade, fez com que eles se transformassem em um sistema de drenagem subterrâneo, cuja função inicial seria a de evitar enchentes e facilitar a ocupação urbana de um território com amplas terras de baixada, sujeitas a inundações no período de chuvas mais fortes.”* (ANTUNES, 2006:17)

Assim como em tantas outras cidades, Maceió, localizada no Nordeste brasileiro, apresentava um território repleto de cursos d'água de portes diversos que marcaram a sua ocupação urbana ao longo do séc. XIX. Além da lagoa e de vários canais existentes, o riacho Maceió marcava a paisagem local e a separação física entre os dois núcleos iniciais de povoamento, constituindo-se em um obstáculo à expansão e conexão urbana. O riacho passa a ser representado em planos urbanos que visavam um maior domínio do território natural através do uso da técnica e que sugerem uma mudança paulatina de significação desse elemento natural através dos planos, realizados ou não. A partir dessa percepção, este artigo pretende refletir sobre as relações entre a natureza e a sociedade na Maceió do séc. XIX até meados do séc. XX, tomando como referência o riacho Maceió, elemento natural de grande relevância urbana até os dias atuais, e sua

representação nos planos urbanos desenvolvidos para a cidade de Maceió.

## DE MACEIÓ À SALGADINHO: UM POUCO SOBRE O RIACHO E SEU CONTEXTO URBANO

A cidade de Maceió, capital de Alagoas localizada no Nordeste brasileiro, traz em seu nome uma alusão ao seu sítio natural, com a forte presença de áreas alagáveis e corpos d'água essenciais para o desenvolvimento e transporte local nos primórdios da ocupação urbana<sup>1</sup>. Tendo como limites a leste o oceano Atlântico e a oeste a lagoa Mundaú, desde o seu surgimento Maceió estabeleceu uma relação intrínseca com suas águas, especialmente a partir das ligações marítima e fluvial<sup>2</sup> (Figura 1).



**Figura 1.** Ilustração que localiza Maceió e complexo de águas que a limita, com detalhe para as frentes marítima e fluvial, e localização do riacho Maceió (com adaptações).

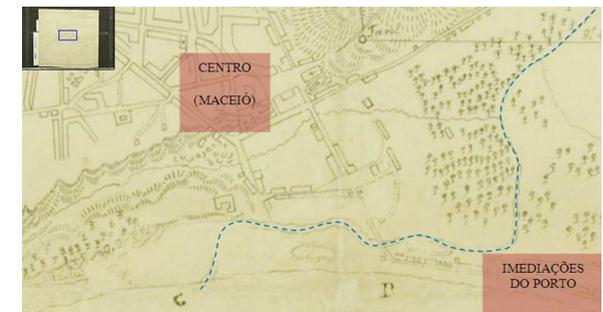
**Fonte:** LIMA, 2010:58-60.

1 Nome de origem indígena (tupi), e que segundo Abelardo Duarte (1965) originou-se a partir de um riacho chamado Massayó ou Maçai-ok, que significa “aquilo que tapa o alagadiço”, que posteriormente pode ter dado nome a um antigo engenho de açúcar localizado onde hoje é o Centro da cidade, um dos primeiros focos populacionais

2 Não à toa o povo alagoano é descrito por Lindoso (2005) como um povo “anfíbio”, numa alusão à importância que as águas sempre tiveram na conformação do território e no desenvolvimento do Estado.

Assim como as águas foram essenciais para a permanência no sítio urbano, pois serviam de escoamento para as mercadorias e deslocamento de pessoas, também causavam problemas, como enchentes que ainda fugiam do controle. Na entrada do séc. XX Maceió era *“[...] uma nova cidade que ganha porte na medida em que dois pontos são fortalecidos: as entradas e a saída, as estradas e o fundeadouro, o modo de ser relacionado à economia agroexportadora”* (ALMEIDA, 2011:24).

Desde a transferência da capital do Estado para Maceió em 1839, uma série de intervenções urbanas com finalidades higienistas e de embelezamento foram transformando paulatinamente a natureza local, de forma que o terreno pantanoso composto por rios e alagadiços, *“[...] para a sua posterior integração no espaço urbano [...] passou por profundas transformações através de aterro e drenagem que alterou o sítio original ao longo dos séculos de desenvolvimento da cidade”* (CAVALCANTI, 1998:47). As transformações urbanas tinham ainda motivações políticas e econômicas em busca de uma maior mobilidade entre as duas



**Figura 2.** Detalhe de uma planta da cidade em 1865: o riacho (em destaque) ainda com suas margens vegetadas e apresentando curso original, paralelo à costa marítima. **Fonte:** Organizada pelo engº civil Carlos Boltenstern em 1865. Disponível em: <http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1486>. Acesso em: 17 fev 2014.

regiões que compunham a cidade naquele momento: o Centro (comercial), também conhecido como Maceió<sup>3</sup>; e o porto marítimo, na localidade chamada de Jaraguá. A drenagem das áreas alagáveis facilitava o escoamento da produção de cana-de-açúcar vinda de engenhos localizados nas imediações das lagoas até o porto, e o riacho Maceió apresentava meandros que supostamente dificultavam essa ligação, limitando a expansão urbana e a dinâmica econômica (Figura 2).

Segundo o detalhe da planta da cidade observado na Figura 2, até 1865 o riacho apresentava em suas margens e entorno imediato, uma grande área arborizada<sup>4</sup>, especialmente rumo ao norte, em contraste com a ocupação urbana que parecia bastante concentrada no Centro em descontinuidade com uma ocupação incipiente junto ao porto. O riacho claramente limitava a ligação entre esses dois núcleos, estando o porto em processo de crescimento.

Considerado referencial de acesso à cidade a partir do porto através da Ponte dos Fonseca<sup>5</sup>, atualmente o riacho não é mais reconhecido como tal. A urbanização no decorrer dos séculos XIX e XX acarretou na ocupação de toda a sua extensão urbana, que se tornou foco de habitações precárias nas margens desmatadas e foi tomando maior vulto com o passar das décadas e o incremento populacional devido a processos migratórios (Figura 3).

3 Também conhecido como riacho Reginaldo, em alusão ao nome de um antigo dono das terras que o envolviam; e também como Salgadinho, já mais próximo à sua foz, devido ao encontro com o mar. O riacho possui outras denominações ao longo de seu trajeto de cerca de 50km, segundo especificidades de cada trecho da cidade.

4 Há uma possibilidade de a área vegetada em questão ser parte de chácaras urbanas existentes nas imediações do que é hoje o bairro do Poço para cultivo e criação de animais, segundo informações levantadas em Cavalcanti (1998). Também pode ser uma representação de mata ciliar ou ribeirinha.

5 Destruída em uma enxurrada do riacho em 1924.

*“O Reginaldo ou riacho Maceió é um rio infante com as graves mazelas dos rios velhos. Nisto, há um culpado: é o Homem que, criminalmente, cortou suas matas [...] Com que saudade, auxiliado por um bom velho evoquei teu passado quando invadias a mata de sucupiras da margem esquerda, hoje substituída pelos casebres!”* (BRANDÃO, 2001:103)

Segundo a descrição de Brandão, é possível perceber que já no início do séc.XX havia não apenas a degradação das margens do riacho como também a sua ocupação com moradias simples e muitas vezes improvisadas. Santos (2012:73) afirma que a paisagem “[...] é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”, e a situação atual do riacho reflete as relações entre sociedade e natureza acumuladas ao longo do processo de urbanização de Maceió, assim como as consequências dessas na apropriação do elemento natural, comprometida pela degradação e poluição atual do riacho.



**Figura 3.** Ocupação das margens do riacho, provavelmente no médio curso, na década de 1920.

**Fonte:** Imagem de domínio público, 2013

## OS PLANOS URBANÍSTICOS REVELANDO RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE

Apesar de ter uma ocupação que remonta ao séc. XVIII, Maceió passa a ganhar maior notoriedade a partir do séc. XIX, devido à posição marítima e topográfica, considerada um ponto central no território alagoano, ideal para ser a Capital e administração da Província, segundo discurso do governador Silva Neves quando da mudança da capital em 1839 (MARROQUIM, 1922)<sup>6</sup>.

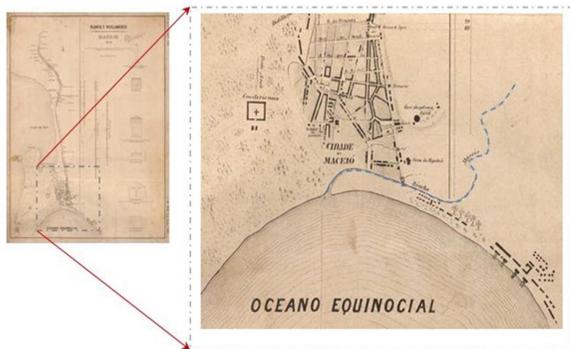
Como cidade e Capital da Província, Maceió inicia um processo acelerado de desenvolvimento urbano, o que acarretou em planos que explicitavam inicialmente demandas econômicas, mas também demandas sociais com o passar das décadas. “[...] entre 1840 e 1869 Maceió se urbanizara numa linda cidade ordenada de bons prédios particulares e elegantes edifícios públicos, sendo assim uma capital de província que tinha aumentado e progredido” (LINDOSO, 2005:48).

Em 1820 é realizado o que é considerado o mapa mais antigo da cidade<sup>7</sup>, por ordem do Governador da Província de Alagoas Mello e Póvoas com o título Carta Topographica da Capitania das Alagoas<sup>8</sup>. Neste, propõe-se a abertura de novas ruas e o alargamento das existentes, numa total desconsideração à geografia existente, segundo Cavalcanti (1998). O desenvolvimento da técnica e os interesses econômicos possibilitaram que a

6 Antes mesmo de vir a se tornar Capital, a elevação de Maceió à vila em 1815 já indicava a sua importância devido especialmente ao porto.

7 José Fernandes Portugal desenhou o “Plano das Enseadas de Jaraguá e Pajuçara” em 1803 segundo Pedrosa (1998). Apesar do nome, o “plano” se apresenta como uma planta que apresenta informações equivocadas sobre o território.

8 Este plano (na verdade uma planta da cidade) foi perdido, sendo referenciado através do plano de 1841 que o utiliza como base de levantamento. Infelizmente, no arquivo existente em Alagoas, o plano de 1841 se apresenta incompleto, sem referência ao riacho Maceió, contemplando apenas sua foz.



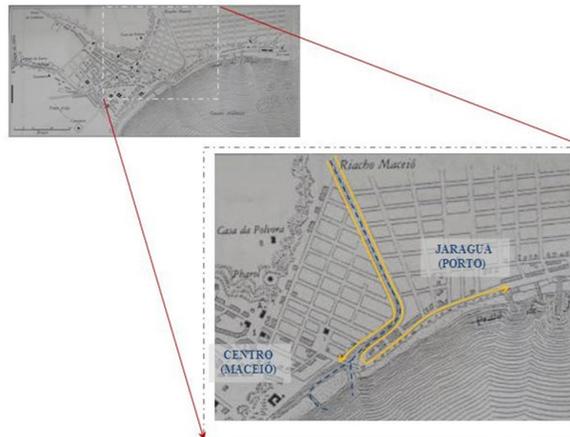
**Figura 4.** Plano de 1859: detalhe do centro da cidade a esquerda e porto a direita. Ao centro, destaque para o riacho Maceió (Reginaldo) com entorno sem ocupação e com traçado discreto.  
**Fonte:** Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistaraq/>>. Acesso em: 17 fev 2014.

natureza local pudesse ser manipulada segundo as demandas urbanas que começam a se manifestar.

*“Uma cultura não é apenas uma ideiação de valores e signos que representam práticas sociais. É também o estabelecimento, num continuum histórico, de práticas que estabelecem a criação do espaço onde se localizam os produtos dessas práticas, isto é, o espaço social idealizado como valor.”* (LINDOSO, 2005:22)

Apesar de localizado estrategicamente entre os dois núcleos urbanos iniciais da cidade, o riacho Maceió ainda não apresentava interferências significativas até o segundo quartel do séc. XIX, o que os planos confirmam. É o caso do Plano de 1859, que propõe uma ligação das águas do riacho Bebedouro até a cidade (Fig.4). No plano o riacho é localizado, mas não se apresenta maiores detalhes sobre a sua bacia<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Brandão escreve seu livro em 1917, o que sugere que até esse momento não havia grande conhecimento do riacho e sua extensão pelas administrações locais.



**Figura 5.** Plano de 1868: proposta de expansão urbana e inserção do riacho na malha viária (com adaptações).  
**Fonte:** Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistaraq/>>. Acesso em: 17 fev 2014.

, que poderia ter sido considerada devido à abrangência geográfica do projeto. Como sugere Brandão (2001):

*“[...] o Reginaldo, nos arredores de Maceió – riacho este, cuja existência nas geografias é uma incógnita e cujo leito deixa atrás a fantasia de um cartógrafo a rabiscar voltas e mais voltas, relembrando pela quantidade de suas curvas as vias férreas brasileiras”.* (BRANDÃO, 2001:40)

A ausência de propostas para o riacho no plano de 1859 poderia estar relacionado a duas questões: ao fato de o plano ter como objetivo específico propor uma solução para a questão do abastecimento de água da cidade, sendo o riacho Bebedouro considerado o meio mais adequado para este fim; ou o fato de que não havia ainda uma grande pressão urbana na área do porto, o que é possível perceber pela ocupação ainda insipiente no seu perímetro, estando ela ainda

bastante atrelada ao Centro e imediações, que concentrava a população urbana.

A preocupação com a mobilidade e expansão urbana aumenta. O crescimento dos trilhos urbanos proporciona uma ligação mais fluida entre as partes (ALMEIDA, 2011). Em 1868 é proposto novo plano, este com uma proposta mais geral e que envolvia uma maior continuidade urbana entre o Centro e o Porto de Jaraguá (Figura 5). Sendo assim, o riacho é pela primeira vez incorporado em um plano urbano, numa situação de domínio da técnica sobre o elemento físico natural.

*“Os rios têm em seu curso a mania das curvas, e na sua barra a mania dos deltas, isto é, de dividir-se em dois braços”* (BRANDÃO, 2001:33), como é o caso do próprio riacho Maceió, localizado no mesmo plano<sup>10</sup> com duas bocas. É possível perceber que junto ao riacho Maceió (em destaque) uma malha urbana é proposta, com vias que correm perpendicularmente em direção ao mar. Ao longo do riacho são previstas duas vias serpenteantes (em amarelo) que o margeiam, criando uma ligação deste com a malha viária do Centro pela esquerda e de Jaraguá (porto) pela direita. É proposta uma grande área de expansão urbana ao longo do Jaraguá e junto ao porto.

A partir da década de 1870 inicia-se uma ocupação mais expressiva ao longo da frente marítima nas proximidades do porto, especialmente após o projeto para sua estruturação finalizado em 1875 e que previa uma ligação mais direta entre a lagoa Mundaú e o porto de Jaraguá e que deveria interferir na foz do riacho Maceió<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Bocas de rio arenosas podem ser móveis, influenciadas pelo vento e correntes marítimas. Neste caso também pode ter sofrido a influência de intervenções realizadas no porto (CAVALCANTI, 1998).

<sup>11</sup> Como não se teve acesso ao projeto de 1875, não se sabe ao certo o que era proposto, nem se foi executado, em parte ou totalmente.

Nesse momento o riacho tinha seus meandros incorporados ao traçado viário, estando devidamente inserido no meio urbano, apesar de notícias em antigos jornais que tratam sobre inundações ocorridas no riacho, como a de 1870, resultado das fortes chuvas, de acordo com Cavalcanti (1998).

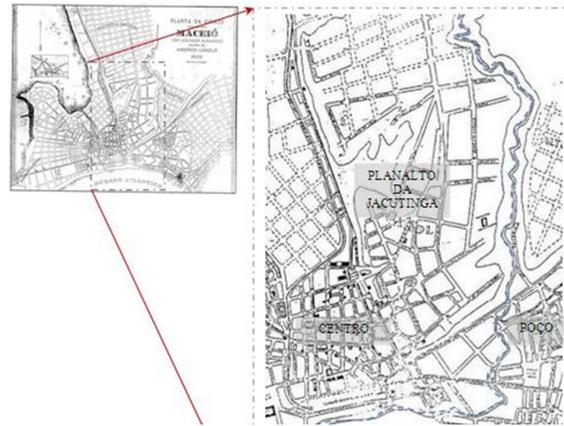
Com a instituição do regime republicano, a partir de 1890 acontece em Maceió um grande surto progressista resultado da ampliação das finanças públicas (DIEGUES JUNIOR, 2001). Abriam-se e alargavam-se ruas, e em 1894 a cidade já se dividia em 3 bairros distintos: Maceió (centro comercial), Jaraguá e Levada ou Ponta Grossa, este último na planície lagunar<sup>12</sup>. Junto ao riacho Maceió, no início do séc. XX já é possível perceber uma ocupação de forma aparentemente não planejada, ao contrário do que propunha o Plano de 1868 anteriormente apresentado (Figura 6).



**Figura 6.** Planta da cidade em 1902: a ocupação ao longo do riacho Maceió já se apresenta de forma expressiva e com traçado irregular (destacado em vermelho), distinto daquele previsto no plano de 1868 (com adaptações).

**Fonte:** Planta levantada pelo Eng<sup>o</sup> Reinhold Cvicckse em 1902. Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1503>> Acesso em 17 fev 2014

<sup>12</sup> ALMANAK do Estado de Alagoas, Maceió, Typ. do Gutemberg, 1891-1894, p. 70. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-estado-alagoas/707430>>. Acesso em: 10 fev 2014.



**Figura 7.** Plano de 1932: consolidação das áreas já ocupadas e expansão urbana regular dando continuidade ao traçado existente (com adaptações).

**Fonte:** Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/>> Acesso em 17 fev 2014.

Trinta anos depois um novo plano é proposto englobando o riacho Maceió e seu entorno e já incorporando as áreas consolidadas de ocupação apresentadas na Planta de 1902 (Figura 7). A expansão urbana mais uma vez é buscada, desta feita para além dos perímetros dos planos anteriores, englobando parte do planalto da cidade, só ocupado no séc. XX, e também outras direções adjacentes aos núcleos iniciais, que ainda funcionam como foco do processo expansivo. Atenção para a foz do riacho, apresentando apenas uma boca neste momento, pouco mais de 60 anos após o Plano de 1868, que apresenta duas bocas, o que demonstra a grande mobilidade da foz. Isso comprometia qualquer ocupação dos terrenos adjacentes ao leito até a foz e sua área de influência, criando uma pressão cada vez maior sobre o riacho.

Até então os planos e plantas apresentam um riacho que aos poucos é inserido no contexto urbano, tendo suas margens ocupadas no baixo



**Figura 8.** Cartão postal de 1910-1911: vista da praça Euclides Malta (atual Sinimbú) com riacho Maceió em primeiro plano. **Fonte:** CAMPELO, 2009:92.

curso e como parte integrante do sistema de mobilidade urbana. Segundo relatos encontrados em jornais e periódicos da época, percebe-se que neste momento já existe uma mudança de sentido do riacho para a população, até então tido como cartão postal da cidade (Figura 8). Provavelmente no início do séc. XX começa seu processo de degradação e poluição, resultado da ausência de saneamento e da expansão urbana ao longo de suas margens<sup>13</sup>, influências da sociedade sobre o meio.

Com a ampliação do porto em fins da década de 1930, a área demanda novas possibilidades. O riacho Maceió e seus meandros ainda são vistos como obstáculos à expansão urbana e à ampliação/ocupação da costa, o que fica evidente em reportagens como a veiculada pelo Jornal de Alagoas<sup>14</sup> em 1947 e que trata da importância de um projeto de retificação do riacho, enfatizando a estética da obra e a “proteção das margens” (Figura 9).

<sup>13</sup> Segundo Cavalcanti (1998), até o séc. XIX todos os resíduos urbanos eram despejados nos pântanos de Maceió.

<sup>14</sup> Segundo Marroquim (1922), o mais antigo dos diários de Maceió é o Jornal de Alagoas, fundado em 31 de maio de 1908 por Luiz Magalhães da Silveira.



**Figura 9.** Notícia do Jornal de Alagoas e que revela o discurso sobre futura obra de retificação e canalização do riacho Maceió.  
**Fonte:** Jornal de Alagoas, 22 de Maio de 1947. Disponível em Arquivo Público de Alagoas, 2014.



**Figura 10.** Planta atual da cidade com malha urbana de 1931 sobreposta com curso do riacho naquele momento (em azul), e percurso do riacho (em vermelho) após retificação de 1947.  
**Fonte:** Google Earth (com adaptações), 2014.

Durante os anos de 1947 e 1948 o riacho passa por uma drástica transformação de sua paisagem, sendo canalizado e retificado. A foz foi bruscamente alterada a fim de possibilitar a ampliação da Av. Duque de Caxias e a ligação com o Centro (Figura 10)<sup>15</sup>. Estas intervenções

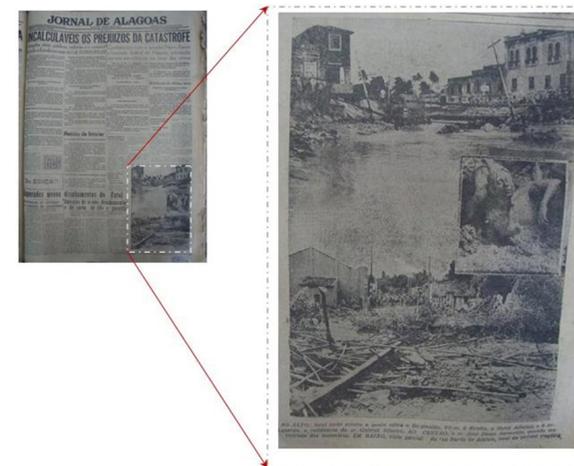
<sup>15</sup> Por não ter tido acesso ao projeto urbanístico sofrido pelo riacho, foi feita uma simulação da sobreposição dos cursos original e atual do riacho na Figura 10.

influenciaram na geografia e paisagem do riacho Maceió, “posteriormente foi aquele curso d’água, que passava pela Praça Sinimbu, desviado para o oitão do Hotel Atlântico, por onde sai toda a poluição de parte da Cidade infestando a Praia da Avenida e toda a Enseada de Jaraguá [...]” (PEDROSA, 1998:26).

A intervenção acarretou no aterro de boa parte de seu curso final com conseqüente expansão da planície litorânea no sentido sul e promoveu a retificação dos meandros do riacho Maceió, o que pode ter contribuído para a nova enchente ocorrida em 1949 ao contrário das intenções previstas em projeto (Figura 11).

As relações entre sociedade e natureza se revelam não apenas a partir das intervenções materializadas, mas também através de intencionalidades socioculturais, econômicas e políticas reveladas por leis, documentos e planos urbanos, como aqueles desenvolvidos para a cidade de Maceió e aqui apresentados. A apropriação do riacho ao longo do tempo demonstra que a paisagem é uma construção, um processo resultante de forças diversas que convergem para o espaço urbano e dão forma e sentido a ele.

Atualmente o riacho não mais se apresenta como elemento natural de importância paisagística e simbólica em Maceió, mas como um elemento indesejável que apresenta sérios problemas decorrentes do despejo de esgotos sem tratamento, agravados pela ocupação ao longo de toda a sua bacia que corre paralelamente à ocupação urbana do Planalto da Jacutinga (Farol). As matas, que vinham em processo de desmatamento já denunciado por Brandão em 1917 foram extintas, substituídas por um grande adensamento de habitações precárias que despeja seus dejetos no riacho por ausência de saneamento. A devastação de suas margens



**Figura 11.** Manchete Jornal de Alagoas em 1949: após obras de retificação, nova enchente gera grande catástrofe urbana.  
**Fonte:** Jornal de Alagoas, 21 de maio de 1949. Disponível em Arquivo Público de Alagoas – APA, 2014.

urbano, quando antes existia a sua integração e apropriação pela sociedade. Os planos urbanos, embora representem territorialmente o espaço, não podem trazer o elemento dinâmico que diferencia e distingue o território do espaço, que é animado pelos seres sociais, segundo Santos (2006). Apesar disso, podem auxiliar na construção da evolução urbana, podendo insinuar ou mesmo revelar parte das relações sociais que compreenderam o espaço em determinado momento histórico, colaborando no entendimento do presente e orientando possíveis mudanças na qualidade do espaço resultante, considerando um maior equilíbrio entre sociedade e meio natural.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidades. In: LAGES, Vinicius; BRAGA, Christiano;
- MORELLI, Gustavo (Org.) (2004). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*, Rio de Janeiro, Relume Dumará/ Brasília, SEBRAE.
- ALMANAK do Estado de Alagoas, Maceió, Typ. do Gutemberg, 1891-1894, p. 70. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-estado-alagoas/707430>>. Acesso em: 10 fev 2014.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. (org.) (2011). *Traços e Troças: literatura e mudança social em Alagoas. Estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel*, Maceió, EdUFAL.
- ANTUNES, Lúcia M. S (org.) (2006). *Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras*, Rio de Janeiro, Editora Viana & Mosley: Editora PROURB.
- BRANDÃO, Octávio (2001). *Canais e Lagoas*. 3 ed. Maceió, EdUFAL.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto (2009). *A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934*. Tese de doutorado em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco.
- CAVALCANTI, Veronica Robalinho (1998). *La production de l'espace à Maceió (1800-1930)*. Tese de doutorado em Desenvolvimento econômico e social. Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel (2001). *Evolução urbana e social de Maceió no período republicano*. In: COSTA, Craveiro. Maceió, Maceió, Edições Catavento (pp.55-177).
- DUARTE, Abelardo (1982). "As Características histórico-geográficas da cidade de Maceió". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, Maceió, Imprensa Oficial (pp. 13-30).
- LIMA, Ivan Fernandes (2010). *Maceió a cidade restinga*, Maceió, CEPAL (pp. 58-60).
- LINDOSO, Dirceu (2005). *Interpretação da Província – Estudo da cultura alagoana*. 2. ed. Maceió, EDUFAL.
- MARROQUIM, Adalberto (1922). *Terra das Alagoas*, Roma, Editori Maglione & Strini.
- PEDROSA, José Fernando de Maya (1998). *Histórias do Velho Jaraguá*, Maceió, Editora Talentos.
- SANTOS, Milton (2006). *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, São Paulo, EdUSP.
- \_\_\_\_\_ (2012). *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, São Paulo, EdUSP.